

SERMOS NÓS PRÓPRIOS

brochura informativa da rede ex aequo
para jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgéneros ou com dúvidas





ACEITAR-SE A SI PRÓPRIO/A



A felicidade, bem como a sua busca, é sem dúvida algo que sentimos à medida que nos vamos desenvolvendo. Conformer-se com um modelo que não se aplica a nós não é geralmente o melhor caminho para a alcançar. Desde sempre as civilizações defenderam normas e ideais próprios para cada época, constituindo assim pontos de referência favoráveis a uns e incómodos para outros. Estas normas podem ter raízes sociais, culturais, históricas, políticas ou religiosas...

O que é ser-se homossexual?

O termo “homossexual” designa as pessoas, homens ou mulheres, que se sentem atraídas física e sentimentalmente por pessoas do mesmo sexo. A atracção por alguém do mesmo sexo não é anormal. Muitas pessoas sentem-na durante a adolescência; no entanto, para uns essa atracção mantém-se ao longo das suas vidas, enquanto para outros não passa de um momento transitório. Por vezes, esta atracção dirige-se tanto a homens como a mulheres: podemos então falar de bissexualidade. Estatisticamente considera-se que uma pessoa em cada dez seja homossexual (lésbica ou gay). Isto significa que num dado local há grandes probabilidades de que uma ou mais das pessoas presentes seja lésbica ou gay. No entanto, na maioria das vezes isso não se nota. E mesmo estando os homossexuais frequentemente ao lado de heterossexuais (tanto no quadro familiar, como no trabalho ou nos tempos livres), o seu sentimento de diferença leva-os ao silêncio. Estarem entre lésbicas e gays permite-lhes falar muito mais livremente acerca dos seus sentimentos, daquilo que vivem e exprimir sem medo as suas emoções e a sua ligação com as outras pessoas.

A tomada de consciência da sexualidade pode levar tempo. Se num dado momento as coisas não são claras para ti, não consideres essa dúvida como algo de anormal. Também ela faz parte da tua evolução pessoal e inquietares-te não é certamente a melhor forma de compreenderes as coisas. Reforçares a tua auto-estima, dares-te tempo, procurares saber quem és sem forçares o teu carácter, são o melhor caminho para alcançares o bem-estar.

Aliás, as pessoas apreciar-te-ão decerto muito mais se estiveres feliz e se gostares de ti próprio/a!

Qual é a origem da homossexualidade?

Um dos sexólogos mundialmente mais conhecidos, o Dr. Alfred Kinsey, descobriu, depois de pesquisas desenvolvidas na década de 50 do séc. XX, que a maioria das pessoas sente, num determinado período da sua vida, uma atracção mais ou menos acentuada por pessoas do mesmo sexo e que muitas têm mesmo experiências sexuais com indivíduos do mesmo sexo ou dos dois sexos (segundo os seus estudos, sensivelmente 40%).

Desde o século XIX que nos escritos de muitos cientistas a homossexualidade era considerada uma patologia. No entanto, em 1973, a Associação Americana de Psiquiatria (American Psychiatric Association – APA) declarava que “a homossexualidade não constitui uma desordem mental, mas sim uma forma alternativa de expressão sexual”. Alguns anos mais tarde, o mesmo organismo acrescentava que “não é eticamente aceitável querer-se mudar a orientação sexual de uma pessoa, seja ela qual for”. Em 1993, também a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a homossexualidade uma variante natural da sexualidade humana. A psiquiatria não mudou os seus métodos, os psiquiatras é que passaram a considerar o assunto de forma diferente.

Alguns cientistas têm tentado apresentar provas biológicas que pretendem explicar a origem da homossexualidade. Em 1991, publicaram-se as hipóteses do Dr. Simon LeVay, neurobiólogo americano, em que se punha em evidência uma particularidade anatómica presente no cérebro dos homossexuais masculinos. Já em 1993, o Dr. Dean Hamer, geneticista americano, atribuía a uma zona do cromossoma sexual chamada Xq28 a possível origem da homossexualidade masculina. Também entre 1991 e 1993, o psicólogo J. Michael Bailey e o psiquiatra Richard Pillard estudaram a orientação sexual tanto de irmãs como de irmãos criados em conjunto, nomeadamente de irmãos gémeos idênticos (monozigóticos), não idênticos (dizigóticos) e adoptivos, com resultados que sugerem, na sua perspectiva, que a mesma tem uma forte componente genética, tal como outras características têm sido consideradas pela ciência ser de origem genética a partir de estudos análogos com resultados semelhantes. Em 1998, investigadores da Universidade do Texas afirmaram ter identificado uma particularidade nas orelhas de mulheres lésbicas, associada geralmente ao sexo masculino, sugerindo que esta diferença estaria relacionada com a exposição do feto a determinadas hormonas, que por sua vez também actuariam sobre certas partes do cérebro com influência na orientação sexual. Em 2005 foi publicado um estudo do Instituto Karolinska na Suécia que detectou, através de PET scans da actividade cerebral, que os homens homossexuais têm uma resposta fisiológica às feromonas do sexo masculino igual à das mulheres heterossexuais, evidenciado claramente uma componente biológica da orientação sexual. No mesmo ano, os investigadores Glenn Wilson e Qazi Rahm publicaram a sua obra *Born Gay: The Psychobiology of Sex Orientation* onde concluem que a orientação sexual é determinada por uma combinação de factores genéticos e actividade hormonal ao nível do útero e que as experiências posteriores na infância, o ambiente familiar, a educação e escolha pessoal têm pouca ou nenhuma influência no assunto. Segundo os mesmos, as pessoas que são homossexuais nascem homossexuais e a proporção de indivíduos homossexuais ao nível das populações mundiais parece não variar significativamente. Já em 1994, a Associação Americana de Psicologia declarou que a investigação científica sugere que a orientação sexual está já determinada muito cedo no ciclo de vida, possivelmente mesmo antes do nascimento.

Resumindo, não há uma resposta geral e definitiva para a questão: "Porque é que se é homossexual?". Coloca-se a possibilidade de a origem ser biológica e/ou ambiental, com um pendor mais forte para a explicação biológica, mas não há ainda uma resposta consensual, clara e concreta para esta questão. Contudo, não é pelo facto de a ciência não ter podido ainda explicar de modo inequívoco o mecanismo da sexualidade humana que devemos deduzir que a homossexualidade é contra-natura. Este mistério não nos deve impedir de ser felizes. Somos assim, tão simplesmente. «Desabrocha onde o acaso te semeou», dizem os bretões.

O que querem dizer “homofóbico”, “homófobo” e “homofobia”?

Em geral, o termo “homofóbico” designa qualquer atitude ou acto que denote rejeição ou se apresente como uma injustiça face a pessoas homossexuais, enquanto que o termo “homófobo” designa qualquer pessoa tenha essas atitudes ou actos, embora ambos os termos também sejam usados, de modo igual e indiscriminado, para os sentidos já referidos.

A existência da homossexualidade põe em causa muitas convicções e princípios de base sobre os quais se construiu a nossa sociedade. Esta concebe-se “heterossexual”: parte, pois, do princípio de que homens e mulheres sentem uma atracção recíproca natural, tendo em vista a reprodução da espécie, considerada o objectivo essencial da sexualidade. No entanto, muitas pessoas sentem-se naturalmente atraídas por outras do mesmo sexo. A tomada de consciência deste facto mexe com postulados de base que regem a identidade e os valores morais de muitas pessoas. O choque sentido exprime-se, então, através de reacções homofóbicas. De forma a preservar a sua identidade heterossexual, a sociedade reservou-se durante muito tempo o direito de condenar a homossexualidade. Os homossexuais eram tidos como criaturas diabólicas, doentes, perversas, imorais, anormais e inexoravelmente inferiores. Nos dias de hoje, os homossexuais beneficiam de um clima de tolerância sexual diferente. O direito social evoluiu progressivamente no sentido de uma não discriminação dos homossexuais, os locais de socialização dos homossexuais (bares, discotecas, etc.) crescem, as associações de defesa surgem um pouco por toda a parte e o tema da homossexualidade é cada vez mais recorrente tanto no cinema como nos outros meios de comunicação.

Na maioria das vezes, a homossexualidade é aceite desde que seja mantida como uma questão discreta e confidencial. É, no entanto, difícil de determinar se isso constitui verdadeiramente uma forma de homofobia ou um constrangimento. Mas é preciso ter em conta que muitas pessoas foram educadas num contexto diferente do actual.

Mudar os seus esquemas mentais, a sua maneira de pensar, os seus hábitos, é muitas vezes um processo relativamente longo. Esta questão será abordada de forma mais detalhada nos capítulos seguintes.

Notemos, de qualquer forma, que uma maior tolerância à homossexualidade não nos garante um futuro sorridente. Citemos de memória que, antes da II Grande Guerra, na cidade de Berlim a homossexualidade era vivida com grande liberdade: isso não impediu que a História enviasse os gays dos cabarés para os campos de concentração...

Serei aceite na vida quotidiana?

Nos planos social e político, os preconceitos e a discriminação estão presentes, tanto na Europa como no resto do mundo. Há preconceitos contra os negros, as mulheres, os idosos, contra todo e qualquer grupo que possa ser apelidado de diferente. Não raras vezes, as pessoas temem aquilo que não compreendem ou que não conhecem. Sendo-se homossexual, o preconceito com que se pode ser confrontado é deveras moderado: as pessoas presumem que és heterossexual quando não o és e embaraçam-te com o erro que cometem. Mas há países que condenam e reprimem severamente a homossexualidade.

Por outro lado, a homofobia é hoje em dia cada vez mais combatida e muitas pessoas tomaram já consciência de que ser homossexual é tão natural como ser heterossexual. Nos países ocidentais, as lésbicas e os gays já não lutam contra a repressão, antes defendem uma igualdade de direitos regida pelos mesmos padrões que os empregues para os heterossexuais. Isto não significa de que haja consenso ou que se tenha uma opinião pública maioritária e eternamente favorável aos homossexuais.

APOIOS

Instituto Português da Juventude
Alert Fund for Youth Activities
Alto Comissariado para a Saúde - Ministério da Saúde



Rua S. Lázaro 88, 1150-333 Lisboa, Portugal
Telefone: (+351) 96 878 18 41 | E-mail: redex@ex-aequo.web.pt
www.ex-aequo.web.pt